

Vens da pobreza das casas do Sul,
das regiões duras com frio e terremoto
que quando até seus deuses rodaram à morte
nos deram a lição da vida na greda.

É um cavalinho de greda negra, um beijo
de barro escuro, amor, papoula de greda,
pomba do crepúsculo que voou nos caminhos,
alcança com lágrimas de nossa pobre infância.

Moça, conservaste teu coração de pobre,
teus pés de pobre acostumados às pedras,
tua boca que nem sempre teve pão ou delícia.

És do pobre Sul, de onde vem minha alma:
em seu céu tua mãe segue lavando roupa
com minha mãe. Por isso te escolhi, companheira.

Vens, Soneto XXIX

Não tenho nunca mais, não tenho sempre.
Na areia a vitória deixou seus pés perdidos.
Sou um pobre homem disposto a amar seus semelhantes.
Não sei quem és. Te amo. Não dou, não vendo espinhos.

Alguém saberá talvez que não tecei coroa
sangrentas, que combati o engano,
e que em verdade enchi a preamar de minha alma.
Eu paguei a vileza com pombas.

Eu não tenho jamais porque distinto
fui, sou, serei. E em nome
de meu mutante amor proclamo a pureza.

A morte é só pedra do esquecimento.
Te amo, beijo em tua boca a alegria.
Tragamos lenha. Faremos fogo na montanha.

Não tenho, Soneto LXXVIII

E esta palavra, este papel escrito
pelas mil mãos de uma só mão,
não fora em ti, não serve para sonhos,
cai à terra: ali permanece.

Não importa que a luz ou a louvação
se derramem e saiam da taça
se houver um tenaz tremor do vinho
se tingiu tua boca de amaranço.

Não quer mais a sílaba tardia,
o que traz e retraz o arrefice
de minhas lembranças, a irritada espuma,
não quer mais senão escrever teu nome.

E ainda que o cale meu sombrio amor
mais tarde o dirá a primavera.

E esta palavra, Soneto XCVIII

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVI, Nº 10 – 2012 OUTUBRO
Assinatura até 31.12.13: 14 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,80) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

El amor que es una luz
es también un embellecedor.
Hace la sonrisa más bella que la boca,
el andar más rítmico que el cuerpo,
el gesto más dulce que la palabra,
la mirada más expresiva que los ojos.
Amad si queréis ser bellas,
o más bellas aún de lo que sois.

Julio Herrera y Reissig, Poesía Completa y Prosa: Átomos de Luz,
Scipione Cultural, 1998. – Gentileza de Raynal A. Costa

Num povo civilizado
não só criança feliz,
mas mestre recompensado
devolve amor ao pai.
Analice Feitoza de Lima, 1010
Fanal: Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo/SP

Um a um, todos partindo,
– não há humano imortal –
e a fila vai prosseguindo
para a viagem final...
Jessé Nascimento, 1208 Lit.&Arte
R. Aurora A. Ferreira 171, Ap 702
29090-310 – Vitória, ES

Meu pai forte... A velha enxada...
nosso sustento plantado...
Linda aquarela pintada
na tela do meu passado!
Luiz Antonio Cardoso, 1208 Trinos
do Pitiguarí: R. Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

O impulso só por dinheiro,
mais uma fraça vontade,
leva o homem, por inteiro,
rumo à desonestidade.
Manoel F. Menendez

O velhinho não aguenta
o vigor da namorada
porque depois dos setenta,
cê tenta, cê tenta e... nada!
Renata Paccola, 1207
Trevo na Trova
UBT – Seção de Taubaté/SP

Quando o que procura alcança,
sente um desejo maior
e de imediato se lança
atrás de coisa melhor.
Zito Lobo, 1207 Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br
jbatista@unifor.br

Eu, fazendo errado ou certo,
nada escondo de vocês;
minha vida é um livro aberto...
Todo escrito em japonês!
Ademar Macedo

Foi das noites a mais bela...
o fim dos tempos tristonhos
pois conquistei a donzela,
a morena dos meus sonhos...
Dari Pereira

Eu tenho um livro que é um mapa
de como ser abastado:
– Ali Babá está na capa
e, os quarenta... no senado...
Izo Goldman

Meu ardente desejo
possui, morena, bom gosto:
plantar um dia o meu beijo
nas covinhas do teu rosto!
José Antonio de Freitas

Mil livros já devorei,
mas neles não achei graça:
até hoje eu nada sei...
– Muito prazer! Sou a traça!
Renato Alves

Morena dos olhos meus,
te vendo sambar assim,
eu não pergunto por Deus
e nem respondo por mim.
Sérgio Fonseca

VIII Concurso de Trovas da Academia Mageense de Letras – 2012

SELEÇÕES MENS AIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

Até o dia 30.10.12, enviar até 3 haicus de quigos: Dália, Pirlampo, Ressaca (GEO)
Até o dia 30.11.12, enviar até 3 haicus de quigos: Contagem de votos (Carnaval), Manga, Pororoca.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82
05010-040 – São Paulo, SP
ou mfmendez@superig.com.br

3. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

QUIDAIAS DE PRIMAVERA – TEMAS DE PRIMAVERA

No Dia do Agrônomo
sob nuvens de fumaça
campos em cultivo.
Analice Feitoza de Lima

Árvore no centro;
crianças em roda cantam.
É o Dia da Árvore.
Anita Thomaz Folmann

Venda especial.
Livreiros baixam os preços
no Dia do Livro.
Darly O. Barros

Chorona haste em flor
e um farto aroma tão suave,
frésia multicolor!
Fernando Soares

Meio-dia em ponto!
Borboleta solitária
brincando entre as flores.
Humberto Del Maestro

Uns escorregões.
Pelas pedras, transparente,
cascata gelada.
Manoel F. Menendez

Na beira da estrada,
vendedor de siris vivos.
Mulher leva susto.
Renata Paccola

HAICUS BRASILEI ROS EM FOLHA

Jovem tico-tico voa
à procura de ventura.
Agora canta à toa.
Alberto Siuffi

O inverno chegando,
dia escuro, céu nublado
e a névoa caindo. H
Argemira F. Marcondes

Da estrada,
vê-se a névoa ao longe
aeroporto fechado. H
Denise Cataldi

Ribeirinhos
em festa.
Dia da Amazônia. A
Iracema Gomes

A garça branca
pousa no lago Amanã.
Dia da Amazônia. U
Manoel F. Menendez

No palco,
canto e danças indígenas.
Dia da Amazônia. E
Neuza Pommer

Esperando família,
joão-de-barro constrói
um prédio na árvore. H
Renata Paccola

De repente, o sol
se infiltra na densa névoa
dourando a cidade... B
Amália Marie Gerda

Casinha redonda
joão-de-barro na janela
canta, para ela. U
Argemira F. Marcondes

Com muito cuidado,
por instinto, o joão-de-barro
constrói o seu ninho. H
Djalda Winter Santos

Frio,
gelo na grama.
Névoa. H
Iracema Gomes

Cinco de setembro
brasileiros comemoram
Dia da Amazônia. H
Maria App. Picanço Goulart

No acostamento,
carros enfileirados.
Névoa na serra. E
Neuza Pommer

Pé de pau-brasil.
João-de-barro construindo
casa sobre casa. E
Roberto Resende Vilela

No topo da estátua,
a casa de um joão-de-barro
abriga filhotes. B
Amália Marie Gerda

Dia da Amazônia
na pesquisa escolar,
clareira sem árvores. H
Denise Cataldi

Espio pela janela:
névoa encobre a paisagem.
Manhã de inverno. H
Djalda Winter Santos

João-de-barro,
bicando insetos
em sua casa. U
Iracema Gomes

Alegre faz casa,
saltitante joão-de-barro;
no bico graveto. U
Maria App. Picanço Goulart

Manhã no vale;
toque de sinos.
Névoa. U
Neuza Pommer

Auto devagar;
com luzes baixas acesas.
Névoa na região. H
Roberto Resende Vilela

Rios e cascatas,
pássaros, flores, matas...
Dia da Amazônia. B
Argemira F. Marcondes

Muito atarefado
faz a casa o joão-de-barro
lama no bico. H
Denise Cataldi

Tesouro da Pátria
é cobiça do mundo.
Dia da Amazônia. H
Djalda Winter Santos

Ao sopé da serra
adensa rápida a névoa.
A tarde se esvai. H
Manoel F. Menendez

Perfume no ar,
beija-flor procura
a buganvília.
Maria App. Picanço Goulart

Dia da Amazônia –
índio visita colégio
para palestrar. H
Renata Paccola

Rojões estourando.
Embarcações indo e vindo.
Dia da Amazônia. U
Roberto Resende Vilela

O S C A S T I G O S D E P R O M E T E U E I O

Salvador Nogueira, Mitologia Superinteressante: Coleção Mitologia, Livro 3 – Lendas, Editora Abril S.A., 2011.

Prometeu estava acorrentado a uma imensa rocha escarpada no alto do Monte Cáucaso. Seu castigo já durava algumas eras quando por ele passou uma criatura estranha naquele cenário desolador: uma novilha, que fora capaz de escalar rochedos e penhascos para chegar ao local em que ele estava preso. Embora tivesse em tudo a aparência de um animal, seu visível desespero logo chamou a atenção do velho titã, que não tardou a reconhecer sua real identidade. A recíproca, entretanto, não foi verdadeira. A criatura se aproximou de Prometeu e,

impressionada pelas tristes circunstâncias em que ele se encontrava, perguntou:

– Quem é você e por que está preso a essa rocha? Cometeu algum crime pesado, decerto... Esse é o seu castigo?

– É, pode-se dizer isso.

– Pois é, é dureza. Também fui castigada, condenada a andar por aí, perturbada pelo sofrimento. E, por favor, não repare nos chifres. A despeito de todas as aparências, sou na verdade uma mulher. Jovem e bonita, por sinal.

Com a sabedoria que lhe era costumeira,

Prometeu não interrompeu a novilha. Deixou-a falar tanto quanto quisesse e somente quando ela terminou deixou claro que conhecia bem os problemas de sua visitante.

– Eu sei quem você é, minha filha. Você é Io, filha de Ínaco. Conheço também o motivo de sua angústia. Depois de ganhar o coração de Zeus, você teve para si automaticamente o ódio mortal de Hera, a esposa dele. E é ela quem te obriga a essa corrida sem fim por todos os cantos do mundo.

A expressão de tristeza e opressão no rosto da

vaquinha foi substituída pela de surpresa.
– Como você sabe disso?! É verdade. Tudo verdade. Um azar daqueles. Eu que tanto resisti a Zeus. Era apenas uma bela princesa virgem, e ele plantava toda noite sonhos em minha mente – me chamava a deitar com ele. Eis que, nem bem concordei, Hera apareceu. Zeus nos escondeu numa grossa nuvem negra, que impedia até mesmo o sol de iluminar a Terra. Mas você conhece Hera. Ela desconfia de tudo, no que diz respeito ao marido. E aquele visual nebuloso era de fato bem incomum. Resultado:

ela fez a nuvem dissipar-se e encontrou o marido, que se acordou. Ou se apiedou de mim, não sei. Você sabe, ninguém escapa da fúria de Hera quando está enciumada. Bem, o fato é que ele me transformou em uma novilha branca e jurou de pés juntos à mulher que tinha acabado de me encontrar ali. Aquela conversa fiada de estar pensando em criar gado, algo do tipo. Nem me lembro da história que ele inventou. Zeus mente quanto for necessário para esconder suas paixões da mulher. Mas Hera é esperta demais. Fingindo embarcar na lora, pediu então a Zeus que desse a ela a novilha, tão bela que era. “É só um animal, afinal de contas”, disse-lhe. Para não revelar a verdadeira história, ele, mesmo relutante, teve de concordar. Então, não só manteve essa forma bestial como foi aprisionada por Hera. E, por falar em prisão, o que você fez para vir parar acorrentado aqui neste fim de mundo?

É duro ouvir uma história da qual já se sabe o começo, o meio e o fim. Ainda mais de criatura tão esbaforida como Io, naquele estado de nervos. Mas Prometeu já havia decidido que faria um esforço para aliviar o sofrimento da mulher. Naquele momento, uma das estratégias mais eficazes seria simplesmente ouvi-la. Deixá-la desabafar. E ele bem que podia também se beneficiar de uma conversa, em meio àquela solidão toda. Instado a revelar sua identidade, não hesitou.

– Bem, eu sou Prometeu. Talvez você já tenha ouvido falar de mim, aquele que deu o fogo aos homens.

De novo, a princesa-novilha arregalou os olhos. – Prometeu? O Prometeu? Aquele Prometeu? O que socorreu toda a raça humana?

– Sim, esse mesmo – assentiu o velho titã, meio sem graça pela tonelada de elogios. – Sou eu. – Quanta honra! E eu aqui, nesse estado lastimável... É um prazer conhecê-lo. Uau! Mas, então, se bem conheço a história, de certa forma temos algo em comum: estamos os dois em agonia por culpa de Zeus.

Prometeu se divertiu com a comparação. Que incauto ousaria colocar lado a lado uma história sobre os destinos do mundo e da humanidade e um simples affair que deu errado? Mas o comentário o levou a refletir e, a despeito das absurdas diferenças de escala, concluiu que sim,

a comparação até que fazia sentido.

– É verdade. Não gosto muito de falar em culpados, mas nós temos muito em comum. Ambos inicialmente tínhamos o apreço e o amor de Zeus e depois acabamos castigados. Ainda que no seu caso ele tenha feito de tudo para salvá-la.

Aquela altura, Io havia se distraído completamente da própria situação. Estava mais intrigada com o passado de Prometeu.

– Não entendi. Apreço de Zeus? Ele gostava do senhor? Só soube que ele ficou furioso com o senhor por tê-lo desafiado a fim de dar poder aos homens e o condenou ao aprisionamento, acorrentado a uma pedra. Mas isso foi há muito tempo. No começo de tudo. Desde aquela época o senhor está aqui? Definitivamente seu castigo é ainda pior que o meu. Mas quer dizer que antes disso vocês foram grandes amigos?

– Minha filha, embora me surpreenda que você não conheça a história, é compreensível. Trata-se de eventos acontecidos num passado remotíssimo, muito antes mesmo que a humanidade viesse a existir.

– Nossa! Conta essa história, por favor.

– Bem, o fato é que eu sou um dos antigos deuses. Já ouviu falar dos titãs? São a turma que precedeu os olímpicos liderados por Zeus. O chefe, naquela época, era Cronos. Ele era extremamente cruel e, ao ser informado de que um de seus filhos estava destinado a sucedê-lo no comando de tudo, decidiu engoli-los assim que nascessem.

– Que coisa horrível! exclamou Io.

– Concordo. Não pude ver tudo isso e ficar parado. Acabei ajudando Zeus a escapar. Uma traição a Cronos, é verdade. Mas ele mereceu. Zeus salvou seus irmãos e subjugou Cronos, assumindo o trono supremo entre os deuses e encerrando a era dos titãs.

– Enquanto Prometeu terminava de contar a história, ouviu-se o grasso de uma águia. O velho nem olhou para cima, mas a novilha virou a cabeça para os céus e acompanhou o gracioso movimento da ave, executando uma longa curva no ar e se aproximando do solo, até pousar na pedra imediatamente ao lado de seu interlocutor acorrentado. Sem demora, a criatura passou a bicar agressivamente o abdômen do titã. Io se apavorou.

– Seu Prometeu! Cuidado com o bicho aí.

– Não se preocupe, minha filha – respondeu, sem nem ao menos olhar. – Isso faz parte do meu castigo. Todos os dias essa águia vem aqui e vai comendo meu fígado. Quando o órgão está completamente consumido, cresce de novo, e o ritual recomeça.

– Caramba! Foi Zeus mesmo que fez isso com o senhor? Como pôde? O senhor acabou de me dizer que o ajudou a assumir o comando do Olimpo!

– Você sabe muito bem quão caprichoso pode ser um olímpico, não? O problema de Zeus comigo veio depois, quando eu e Epimeteu fomos incumbidos de conceber as criaturas que habitariam a Terra. Mas meu irmão é fogo, um sujeito muito ansioso, apressado. Deixei que ele começasse e, conforme os animais foram surgindo, Epimeteu dava a eles as melhores qualidades: força, astúcia, as mandíbulas mais poderosas, os venenos mais mortais... Quando chegamos ao ápice, o homem, ele notou que não havia mais o que dar. Veio correndo até mim, sem saber o que fazer. Decidi então que era preciso ousar, e roubei o fogo, até então exclusividade dos deuses, para dar aos homens. Zeus ficou furioso.

– E só por isso ele o castigou? Um foguinho de nada? Claro que o fogo é útil, mas ainda assim... não parece nada tão especial.

Prometeu esboçou um sorriso de satisfação, gabando-se internamente de sua inteligência. Viu que precisaria explicar o significado de sua ação.

– Io, minha querida... o fogo não é pouca coisa. Ele é o princípio do conhecimento e do domínio da natureza. É a conquista da tecnologia. Eu sabia muito bem, assim como Zeus, que ele seria apenas o início de tudo. Com ele, a humanidade entraria num ritmo de progressão cada vez mais acentuado. No fim das contas, com o desenvolvimento da civilização, os deuses perderiam a adoração dos humanos. É sempre uma disputa pelo poder, minha cara... Zeus não pôde suportar a ideia de que, assim como seu pai, ele seria suplantado um dia. O que ele não entendeu foi a natureza de sua substituição. E por isso ele me mantém aqui, na esperança de que eu revele quem está destinado a superá-lo. Mas ele pode esperar sentado.

A novilha só olhava para aquela figura, sem saber o que dizer. Prometeu percebeu que

havia invertido os papéis. Era ela quem precisava desabafar, não ele. Decidiu retornar a conversa ao rumo correto.

– Mas, e quanto a você, o que faz aqui? Decerto Hera a aprisionou assim que te recebeu como presente de Zeus.

A vida voltou aos olhos de Io. – Foi exatamente isso. E coloquei Argos, aquela criatura nojenta de cem olhos, para me vigiar e impedir que eu escapasse. Mas Zeus não havia desistido de mim. Enviei Hermes, com a missão de matar Argos e me resgatar.

– Hermes, aquele espertalhão... aposto que bolou um esquema daqueles para distrair Argos.

– Seu Prometeu, uma ideia tão bela quanto simples. O deus mensageiro sabe tudo dessas coisas. Ele disfarçou-se de camponês e aproximou-se de Argos como quem não queria nada, tocando flauta e cantando cada causa mais chato que o outro. A criatura ficou intrigada, convidou-o para se sentar ao lado dele, e então Hermes tocou cada música enfadonha que o bicho não aguentou e dormiu. Fechou todos os olhos! E aí, sem perda de tempo, foi morto.

– E então você conseguiu fugir?

– Antes fosse. Mas assim que Hera percebeu o golpe, comandou esse moscardo que o senhor deve ter visto voando por aí a ficar me picando, sem cessar, me fazendo correr feito louca numa tentativa frustrada de fugir dele.

Prometeu tentaria consolá-la, mas com resultados pouco animadores.

– Não se preocupe. Sua agonia um dia vai acabar. Mas há um longo caminho a percorrer, e até lá não há o que se possa fazer. Um dia você chegará às margens do Nilo, o grande rio do povo egípcio, e lá Zeus a encontrará, tomar-te-á novamente humana e terá um filho contigo.

– Até o Nilo? Ainda vou sofrer um bocadinho com isso. Mas pelo menos sei que um dia isso acaba. Muito obrigado, seu Prometeu. Agora já vou indo, que o bicho literalmente está pegando aqui. Ai! Ai!

Prometeu apenas acenou, desejando boa viagem à figura que se afastava. Sabia que, por vias tortas, também podia estar garantindo sua liberdade futura. Pois seria um descendente de Io, um certo semideus chamado Hércules, o responsável pelo fim de seu castigo.

O R E I M I D A S

Salvador Nogueira, Mitologia Superinteressante: Grécia, Coleção Mitologia, Livro 3 – Lendas, Editora Abril S.A., 2011.

Se fosse preciso eleger o soberano mais idiota da Antiguidade, o posto seria facilmente ocupado por Midas. Ele era rei da Frígia, a terra das rosas, razão pela qual seu palácio era ricamente adornado com belíssimos jardins e as mais espetaculares flores.

Um dia, o velho Sileno, famoso bêbado da região, foi encontrado estirado num desses jardins. Ele acompanhava o séquito de Baco, o deus do vinho, mas se perdeu pelo caminho e ali ficou. Alguns criados do palácio encontraram o coitado e, só para zombar dele, envolveram-no em rosas, puseram-lhe uma coroa florida na cabeça, acordaram-no e levaram-no, ridiculamente disfarçado, à presença de Midas.

O rei não percebeu a peça que estavam lhe pregando e deu as boas-vindas ao visitante, hospedando-o por dez dias no palácio real, depois o devolveu a Baco. O deus ficou encantado pela generosidade de Midas e disse que satisfaria um desejo do rei.

– Mas capricha, hein? É um só... – advertiu Baco.

Midas pensou, pensou – o que não era do seu feito – e decidiu que queria ter o extraordinário poder de transformar tudo o que tocasse em ouro.

Baco se divertiu à beça com a burrice do rei. Embora sabedor do resultado, concordou em realizar o desejo. Midas começou a tocar suas vestes, depois algumas estátuas do seu palácio, e se encantou em por tudo se transformando em ouro. Aquela ação toda lhe abriu o apetite, e por isso ordenou que fosse servido o jantar.

Qual não foi sua surpresa ao levar a comida à boca e descobrir que estava mastigando um duro pedaço de metal! Percebeu então a burrada que fizera; jamais poderia comer ou beber com aquele estranho poder. Teve de implorar a Baco que desfizesse o pedido. O deus do vinho o instruiu então a lavar-se na nascente do Rio Páctolo, para que a dádiva perdesse seu efeito.

O rei seguiu à risca as instruções e voltou ao normal. Sua passagem por lá ficou marcada, entretanto, pela descoberta de vários grãos de ouro nas areias daquele curso d'água.

Midas voltava ao normal e continuava tão idiota quanto sempre. Diz-se que algum tempo depois foi convidado a ser jurado numa disputa musical entre Pã e Apolo. Sabe-se que Pã é muito bom com sua flauta, mas ainda assim tocou perto do deus da verdade com sua lira prateada. O rei, entretanto, nunca soube nada de música – nem de coisa alguma, para ser honesto – e declarou Pã seu vencedor. Apolo ficou tão furioso com o negócio que deu a Midas orelhas de burro.

– Estou apenas dando a forma apropriada a ouvidos tão obtusos.

Qualidade musical à parte, somente um imbecil poderia tomar partido de Pã em detrimento de Apolo, infinitamente mais poderoso. Ainda mais sabendo como os olímpicos sempre

foram chegados a um melindre.

Resultado: Midas passou o resto da vida com orelhas de burro. Mandou confeccionar um chapéu especialmente projetado para escondê-las, mas nada podia fazer a respeito do criado que cortava seu cabelo. Fez o rapaz prometer jamais contar a ninguém o segredo.

Agonizando, o jovem um dia foi para o campo, cavou um buraco bem fundo, abaixou-se e sussurrou lá dentro:

– O rei Midas tem orelhas de burro!

Em seguida, tampou o buraco com terra e foi-se dali, aliviado por ter contado o segredo, ainda que para o vazio.

Mas na primavera seguinte, onde antes havia o buraco, cresceram alguns juncos. Surpreendentemente, quando agitados, eles sussurravam as mesmas palavras que foram ali enterradas. Ou seja, no fim das contas, todo mundo ficou sabendo do que acontecera ao pobre Midas e do preço que ele pagou por sua burrice.

Tudo mal que há neste mundo, tragando reis e plebeus, consiste, sempre mais fundo, na inteira ausência de Deus! Aloísio Bezerra
Nossa Senhora é a beleza, a paz, a ternura, a luz, mas sua maior grandeza é ser a mãe de Jesus! Argemira F. Marcondes
Se amigo é quem ouve a queixa, seca o pranto e ajuda a rir, mais amigo é quem não deixa sequer o pranto cair! Carolina Ramos

A vingança não me agride, pois tenho, de prontidão, as armas para o revide: o entendimento e o perdão! Eduardo A. O. Toledo
Almas gêmeas, somos dois a caminhar mundo afora... Não nos importa o depois na eternidade do agora. F. Luzia Netto
Da mãe preta ainda perdura o seu traço de bondade: era cantando – a ternura... era sonhando – a saudade... Helvécio Barros

As trovas mais inspiradas entre as muitas que escrevi, são frutos das madrugadas que passei pensando em ti! José Pereira de Albuquerque
A sorte diversa existe até nas águas, repara: de charco, é lamosa e triste; de fonte, é cantante e clara! José Tavares de Lima
Chorei na infância insofrida para na roda cantar. Hoje na roda da vida eu canto pra não chorar. Liliinha Fernandes

Saudade é dor diferente que ao pensamento é resposta. Saudade a gente só sente da gente que a gente gosta. Luiz Evandro Innocência
A maior prova de amor que te dá meu coração, é, mesmo a chorar de dor, não te negar o perdão! Maria Aliete Cavaco Penha
Teu coração escolhi com amor e muito zelo; mas, bem tarde descobri ter feito ninho no gelo... Mª Cecília Quartim Barbosa

De um ninho macio e quente voei para a liberdade! – Hoje sou presa inocente da gaiola da saudade!... Maria Madalena Ferreira
Para que fazer um drama, por causa do amor perdido, se quando a razão nos chama, nós não lhe damos ouvido? Mª Teresinha M. de Andrade
A juventude tem pressa, mas, é prudente esperar; – o rio nunca se apressa, e chega, tranquilo, ao mar... Raymundo Travassos Alvim
Ao revidar, não espere superar as desavenças, que o revide, às vezes, fere muito mais do que uma ofensa! Rodolpho Abud
Em tudo descobre encanto a lira do trovador: fala de riso e de pranto, de sonho, saudade e amor. Wanda de Paula Mourthé
Embora meio amarelas, as cartas que recebi são as lembranças mais belas que ainda guardo de ti! Wilson Montemor